

**Universidade Federal Fluminense – UFF**  
**Instituto de Estudos Estratégicos – INEST**  
**Curso de Graduação em Relações Internacionais**

**A Relação da Academia e o Desenvolvimento e  
Estruturação da Defesa**

Carlos Matos Costa

Niterói  
Novembro de 2019

**Universidade Federal Fluminense – UFF**  
**Instituto de Estudos Estratégicos – INEST**  
**Curso de Graduação em Relações Internacionais**

## **A Relação da Academia e o Desenvolvimento e Estruturação da Defesa**

Autor: Carlos Matos Costa

Monografia apresentada ao MBA de Relações Internacionais e Estudos Estratégicos da Universidade Federal Fluminense – UFF, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de pós-graduado em Relações Internacionais e Estudos Estratégicos.

Orientador: Professor Bruno Pessoa Villela

Novembro de 2019

**Ficha de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso em  
Relações Internacionais (Monografia)**

Título do Trabalho: A Relação da Academia e o Desenvolvimento e  
Estruturação da Defesa

Aluno: Carlos Matos Costa

Semestre Letivo: 2º

**Avaliadores:**

---

Bruno Pessoa Villela – Orientador (Avaliador 01)

Departamento de Estudos Estratégicos  
e Relações Internacionais

---

– Leitor (Avaliador 02)

Colocar Nome do Departamento do Leitor

| Notas dos Avaliadores |  |
|-----------------------|--|
| Avaliador 01          |  |
| Avaliador 01          |  |

## Índice

|                                                                  |           |
|------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b><u>1. Introdução</u></b>                                      | <b>1</b>  |
| <b><u>2. Relações Cívico-Militares</u></b>                       | <b>3</b>  |
| <b><u>3. Academia e Defesa</u></b>                               | <b>11</b> |
| <b>3.1. Pós Segunda Guerra Mundial</b>                           | <b>12</b> |
| <b>3.2. Caso Americano</b>                                       | <b>14</b> |
| <b>3.3. Caso Português</b>                                       | <b>23</b> |
| <b><u>4. Comparação entre os modelos</u></b>                     | <b>31</b> |
| <b>4.1. Relação da Sociedade com o assunto Defesa</b>            | <b>31</b> |
| <b>4.3. Centros de produção académica voltados para a Defesa</b> | <b>34</b> |
| <b><u>5. Conclusão</u></b>                                       | <b>38</b> |

## **RESUMO**

### **AS RELAÇÃO DA ACADEMIA E O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO E ESTRUTURAÇÃO DA DEFESA**

O trabalho procura analisar o papel da Academia no incremento às políticas de Defesa. Através da exposição das relações civis-militares, as quais são particulares de acordo com o país estudado é possível traçar paralelos para que podem ser verificados. Como exemplo clássico dessa relação Academia-Defesa se encontra os EUA e o seu vertiginoso desenvolvimento no século XX, apresentando uma evolução natural dos interesses que permeiam essa relação. Ressaltaremos também o esforço português, com um país atravessando uma pesada crise econômica e precisando evoluir seus meios de Defesa de acordo com seu posicionamento no contexto regional e global. Um comparativo entre duas realidades diferentes encerra o trabalho de maneira a buscar um possível caminho para uma nação que não esteja no protagonismo global mas deseja alcançar uma posição de destaque.

Palavras-chave: Relação Civil-Militar, Think Tank, IDN.

Niterói

Novembro de 2019

## **1. Introdução**

Este trabalho possui o propósito de traçar relações práticas, sendo estas diretas ou indiretas, sobre as quais ocorre o desenvolvimento do pensamento em Defesa através da integração da Academia. Essa relação possui precedentes próprios em diversos países com possível aplicação em países com características semelhantes.

A Defesa Nacional é uma das principais preocupações de um Estado constituído, pois somente através dela se garante a soberania e o controle de seus interesses por parte de uma nação. Por mais que existam disparidades entre o papel e o impacto de atuação dos diferentes países no mundo, qualquer um deles para serem considerados donos de seus destinos devem atentar à sua estrutura de Defesa.

Iniciaremos o estudo através de uma revisão das relações civis-militares, que possuem particularidades ao redor do mundo mas notadamente são as bases para o incentivo do complexo de defesa.

A evolução das relações civis-militares se deu com a própria evolução da sociedade e se determinou pela forma com a qual as nações traduziram seus desejos de ampliar, assegurar e proteger seus interesses. Com o aparecimento do Estado-Nação as instituições se fortaleceram e o interesse governamental foi pouco a pouco traduzindo os anseios da sociedade. Primeiramente se superou o desejo direto e despótico das elites, sejam elas nobiliárquicas ou comerciais. Os conselhos e câmaras acabaram por acomodar representantes do povo, que chegaram através de diversas revoluções até regimes de maior abertura.

O século XX representou não só um período de extremo desenvolvimento tecnológico mas também social. Atravessando duas Grandes Guerras com a disputa de ideais tiranos contra a liberdade, as nações se viram tocadas a perceber a importância do indivíduo no processo decisório. Foi necessário chegarmos ao cúmulo de genocídios em massa para que se fosse percebido a que ponto chega a ambição humana. Durante este século grande parte das nações passou por processos de aberturas políticas, permitindo maior participação popular. O voto deixou de ser a exceção.

A maior participação do povo nas decisões de um país também exige a aquisição de conhecimentos acerca dos assuntos que acometem uma nação. É

nessa premissa que a Academia se apresenta por disseminar conhecimento analisado por metodologia comprovada, com a qual se obtém credibilidade perante a sociedade.

Principalmente após a Segunda Guerra Mundial, as nações hegemônicas se levaram a uma corrida armamentista, tecnológica, econômica e ideológica. EUA e URSS conduziram todos esses aspectos com o suporte científico necessário e passaram a duelar pela liderança global. Tal disputa nos levou à conquista espacial, ao aumento da expectativa de vida pelos avanços na medicina e à melhoria da qualidade de vida. Também nos levou à confecção de armas de destruição em massa e ao limite de um conflito nuclear. Todas essas variáveis, no mundo contemporâneo, estão na maioria dos países na responsabilidade do povo e seus eleitos. Se faz imperioso abastecer a sociedade com subsídios para dar base ao processo decisório.

Os EUA se valeram de um período conturbado da humanidade e emergiram na metade do século XX como a potência do mundo ocidental. Sua participação nas Grandes Guerras permitiu a aquisição de uma posição de destaque não somente econômico mas também ideológico. Suas decisões acerca de políticas globais foram fortemente baseadas em cenários estudados no meio acadêmico, implantando assim soluções abastecidas por diversas instituições públicas e privadas, dentre as quais podemos citar as Think Tanks. Com a independência necessária à produção acadêmica, porém contando com financiamento tanto privado como particular, essas instituições levaram aos decisores produtos científicos de maneira a balizar as políticas. Como parte efetiva de qualquer expansionismo, a Defesa se fez parte integrante em diversos estudos acerca de política, estratégia e desenvolvimento em geral. A própria conjuntura americana de se envolver nas contendidas mundiais levou ao senso de pertencimento da sociedade americana no que se refere a Defesa. Não é um assunto somente de Estado, mas permeia diariamente os meios de comunicação. A discussão do vultoso gasto da Defesa americana é, por exemplo, fato recorrente no noticiário estadunidense.

De maneira a apresentar um contraponto, um exemplo mais tangível e próximo de uma realidade dos países em desenvolvimento foi proposto apresentar o desenvolvimento português nas relações entre Academia e Defesa. Portugal possui um singular desenvolvimento das relações civis-militares e em parte isso se reflete na boa relação entre sua pasta de Defesa, a Academia e a Sociedade. Tomando

como exemplo o Instituto de Defesa Nacional (IDN) é possível perceber as nuances entre a cooperação do meio acadêmico e o esforço de ampliar o contato do assunto Defesa na sociedade portuguesa. O próprio instituto sofreu mudanças com a evolução política e social, tornando-se referência na propagação de políticas de Defesa. Apesar das limitações impostas por uma crise econômica agravada nos últimos anos é importante salientar a participação ativa na OTAN, contando com tropas em territórios conflituosos como o Afeganistão e também na ONU, com sua participação num dos ambientes operacionais mais desafiadores, como a República Centro-Africana, participações estas que envolvem perigo iminente para as forças portuguesas e levam a pensar como um país de um presente não tão glorioso como seu passado e economia fragilizada consegue justificar para a sua sociedade a por seus filhos nos rincões mais distantes e mortais. Fica claro que há uma percepção estratégica aliada à uma sociedade que não se opõe, em grande parte, a ver sua bandeira bem representada em território estrangeiro conflagrado.

Comparando essas duas perspectivas é possível traçar semelhanças e diferenças que podem se adequar a diversos cenários e Estados diferentes. A maneira com a qual se percebe a importância da Defesa nesses dois países advém de origens distintas mas com muita relevância de resultado. Pode-se perceber que a evolução apresentada nas relações civis-militares dos dois países promoveu um terreno fértil para o desenvolvimento da consciência em Defesa.

Assim, de maneira a relacionar o desenvolvimento da academia com seus instrumentos de Defesa seguiremos o desenvolvimento do assunto proposto através de uma base teórica seguida das aplicações que efetivamente ocorreram nos países propostos e assim alcançar conclusões devidas sobre o tema. É de extrema clareza que o tema apresenta nuances de acordo com o escopo proposto, reservando uma maneira específica para cada sociedade se relacionar com sua expressão e projeção da Defesa Nacional.

## **2. Relações Civis-Militares**

Apesar dos assuntos de Defesa não serem em sua totalidade preenchidos somente pelas Forças Armadas, é inegável a grande participação dessa parcela da expressão de uma sociedade. Além das mesmas, a Academia e sua parcela comercial/industrial são grandes contribuidores do esforço conjunto.

É imperativo relacionar as diferentes expressões de nossa sociedade de maneira a tornar todos os processos sinérgicos. Assim, convém delimitar de maneira introdutória como os militares se relacionam com os demais membros da sociedade

As relações Civis-Militares se constituem de maneira diferente nas diversas partes do globo. Cada sociedade, através de processos culturais e históricos possui uma relação distinta com seus elementos de defesa.

Já houve sociedades nas quais os elementos militares faziam parte indissociável da razão de existir de um povo, como no caso dos Espartanos na Grécia antiga. Assim tivemos também exércitos compostos por mercenários, pessoas sem laços significativos com aqueles aos quais deveriam proteger.

Como um dos grandes entusiastas do Exército profissional, ainda em uma embrionária configuração de milícia, Maquiavel<sup>1</sup> ainda no Renascimento<sup>2</sup> apontou as vantagens em possuir uma força regular com ligação cultural e social aos seus representantes. Acreditava que a sobrevivência de um Estado, ou principado no seu contexto repousava em boas leis e boas armas. Esses conceitos podem ser consideradas interdependentes. As boas leis permitem que o poder se solidifique, através de organização e instituições. Essa organização permite a manutenção da disciplina necessária para boas armas e com elas prover a manutenção de seu poder, seja com relação aos súditos bem como a usurpadores. Para melhor prover essa defesa, Maquiavel fomenta o aparecimento de tropas permanentes, inicialmente através de milícias. Suas experiências com tropas mercenárias o levaram a ter um juízo de que “elas são desunidas, ambiciosas, sem disciplina, infiéis, corajosas diante dos amigos, covardes diante dos inimigos e sem temor de Deus” (WEFFORT, 2006, p.29). Para se contrapor às tropas com as quais não se possui confiança, percebeu que ao utilizar a seleção de elementos do seu próprio povo teria um exército com um propósito verdadeiro de defender sua terra, seus familiares e suas organizações. É interessante ressaltar que as milícias foram tropas precursoras que possuíam sentimento de pertencimento, contudo ainda havia necessidade de implementar os treinamentos profissionais da profissão das armas e

---

<sup>1</sup> Niccolò Machiavelli nasceu em Florença em 3 de maio de 1469 e morreu em Florença em 21 de junho de 1527. Ele era um filósofo, estadista e teórico político e é frequentemente chamado de "pai da teoria política moderna".

<sup>2</sup> O Renascimento, isto é, o período que se aproximadamente da metade do século XIV ao início do século XVII, foi um tempo de intensa atividade filosófica abrangente e abrangente, e de muitas maneiras distintas (Lorenzo Casini, internet)

até se utilizar da experiência dos mercenários para então chegarmos ao advento de exércitos profissionais regulares.

A manutenção de grandes exércitos repousou na capacidade Estatal e de sua nobreza durante a Idade Média e o Início da Idade Moderna. O monopólio das funções de comando era presente nas mãos de poucos e privilegiados indivíduos, algo que não significava capacidade profissional. Somente com as mudanças sociais, o advento das burguesias e as revoluções houve uma quebra do status quo. Ainda com as diversas mudanças sociais, as modificações exigidas no campo de batalha e estrutura militar obtiveram resistência.

Assim, chegamos na Idade Moderna com o pioneirismo Prussiano caracterizado por seu baluarte reconhecido Clausewitz<sup>3</sup>, o qual advogou e implementou uma série de medidas que trariam a caracterização profissional à carreira das armas. Não podemos deixar de citar outros dois nomes de igual importância para essa evolução: Napoleão e Jomini. Como John Shy<sup>4</sup> descrevera: “Três nomes se destacam no período de formação do pensamento militar moderno: Napoleão, Clausewitz e Jomini”.

Cada um desses nomes citados possui sua parcela de contribuição para a estruturação moderna militar e a forma com a qual ocorre o relacionamento das forças de defesa e a sociedade. Já havia uma dicotomia entre as proposições de Jomini e Clausewitz, os quais divergiam no que tange a subordinação militar ao poder político. Jomini estava imerso nas conquistas da França revolucionária e creditara o sucesso Napoleônico à presença do Gênio Militar. Clausewitz por sua vez encontrava-se no outro lado da moeda, em uma Prússia que, estando ele mesmo presente, obtivera largas derrotas frente as forças de Napoleão<sup>5</sup>. Deste modo, Clausewitz participara de uma revolução na estrutura do Exército Prussiano, o qual se tornaria modelo para grande parte das Forças Modernas. Talvez a falta de um Gênio Militar, o qual pela presença moldaria o Campo de Batalha, fizera com que

---

<sup>3</sup> O pensador militar prussiano Carl von Clausewitz é amplamente reconhecido como o mais importante dos pensadores estratégicos clássicos. Mesmo morto há quase dois séculos, ele continua sendo uma poderosa influência viva: a mais citada, a mais controversa e, em muitos aspectos, o mais moderno dos teóricos estratégicos. (Dr. Christopher Bassford)

<sup>4</sup> John Willard Shy é historiador militar e professor emérito da Universidade de Michigan

<sup>5</sup> Napoleão Bonaparte (em francês: *Napoléon Bonaparte*; Ajaccio, 15 de agosto de 1769 – Santa Helena, 5 de maio de 1821) foi um líder político e militar durante os últimos estágios da Revolução Francesa. Adotando o nome de Napoleão I, foi Imperador dos Franceses de 18 de maio de 1804 a 6 de abril de 1814, posição que voltou a ocupar por poucos meses em 1815 (20 de março a 22 de junho)

os prussianos desenvolvessem uma estrutura de Estado Maior, no qual soldados profissionais desempenhariam funções complementares para assim solucionar o problema militar. A divergência maior seria a própria proposição de Clausewitz com sua “Trindade Notável”, a qual se refere ao povo, aos militares e aos políticos como “violência e paixão; incerteza, chance e probabilidade; e propósito e efeito político”.

*Tendo identificando as três áreas que, em conjunto, compunham a guerra, Clausewitz associou cada uma delas com o campo de ação principal de um segmento diferente da sociedade. Como um todo, pensou ele, o primeiro elemento – violência e paixão – estava relacionado, principalmente, com o povo. O segundo – incerteza e chance – se apresentava, primordialmente em função de coragem, determinação e talento do comandante e de suas forças. O terceiro – política – “é problema só do governo”. (PARET, 2001, p.277)*

Essa separação do fenômeno bélico deu origem à teoria do controle civil sobre os militares e representa algo para qual Jomini <sup>6</sup>apresentou diversos argumentos antagônicos. Jomini considerava que a esfera política não deveria interferir nas ações militares.

*A lição era clara: um governo deveria selecionar seus comandantes militares mais hábeis e depois deixá-los livres para a condução da guerra segundo princípios científicos. Os governos não deveriam negligenciar suas forças armadas, mas não deveriam se intrometer em matérias que só os oficiais instruídos e experientes entendiam. (SHY,2001,p.225)*

As relações entre civis e militares modernas orbitam no que se refere principalmente ao profissionalismo. As bases geradas pelos pensadores citados ainda norteiam as diversas projeções da relação

---

<sup>6</sup> **Antoine-Henri Jomini**, Barão Antoine-Henri Jomini, foi o principal teórico militar da primeira metade do século XIX, tendo participado das campanhas napoleônicas. Escreveu “Sumário da Arte da Guerra” em 1836, onde dividiu a arte da guerra em seis partes: A política da Guerra, estratégia, grande tática, logística, engenharia e tática de detalhes

Como um dos pioneiros na discussão da relação civil-militar, Samuel Huntington<sup>7</sup> na década de 1950 apresenta duas formas de implementação do controle dos militares.

*As opções apresentadas por Huntington para maximizar o poder político civil, e em contrapartida minimizar o poder das Forças Armadas, foram o controle civil subjetivo e o controle civil objetivo.*

*O controle civil subjetivo ocorreria pela “civilização” das Forças Armadas, ao estimular o envolvimento dessas na política institucional. No entanto, essa forma de controle mostrou-se impraticável, sendo que um maior envolvimento político das Forças Armadas poderia levar a uma manipulação das mesmas por grupos políticos diversos.*

*O controle civil objetivo foi a opção que se tornou mais viável na ótica de Huntington. O controle civil objetivo seria alcançado pela profissionalização das Forças Armadas, direcionando os esforços da mesma para as atividades técnicas e de incremento da capacidade militar. Com isso, os militares não teriam razões para interferências em assuntos políticos. As ideias defendidas por Huntington, quanto à questão da profissionalização militar foram motivo de críticas, em função de aspectos que não teriam sido considerados por este teórico. (ROCHA, 2012, p.3)*

Assim, ainda nos dias atuais ocorrem debates acerca do papel dos militares na sociedade moderna e também nas diversas matizes apresentadas a eles nos conflitos modernos. A própria globalização, a permeabilidade dos conflitos no interior das zonas urbanas atrelados a agentes não estatais tornaram as interações entre soldados e civis ainda mais complexas.

Como desafio às demandas de uma sociedade cada vez mais consciente de sua participação nos rumos das nações, as Forças Armadas estão necessitando

---

<sup>7</sup> Samuel P. Huntington foi um cientista político norte-americano, muito influente nos círculos politicamente conservadores. Tornou-se conhecido por sua análise do relacionamento entre os militares e o poder civil, por suas investigações acerca dos golpes de estado e, principalmente, por sua polêmica teoria do choque de civilizações, inspirada pelo historiador e filósofo polonês Feliks Koneczny, segundo a qual os principais atores políticos do Século XXI seriam civilizações e não os estados nacionais, e as principais fontes de conflitos após a guerra fria, não seriam as tensões ideológicas mas as culturais.

cada vez mais demonstrar sua representatividade e efetividade na resolução das suas tarefas.

O fato de possuírem o monopólio da violência reserva aos militares a desconfiança de utilizarem a força para cercear os anseios dos demais. Essa relação de afastamento e desconhecimento do papel empenhado reflete em perdas para ambos. Quando os outros componentes da sociedade se distanciam dos militares se colocam em uma situação vulnerável pois deixam de dar suporte àqueles que por vocação serão seus defensores.

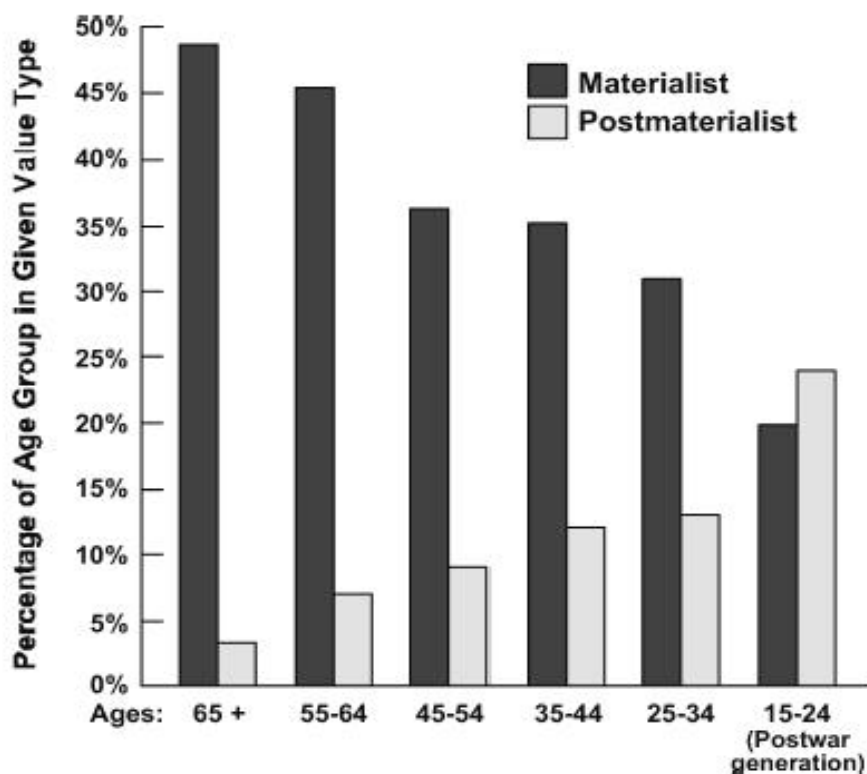
Aspectos históricos e sociais são preponderantes, contudo não configuram necessariamente todas as matizes que permeiam esses contatos. A percepção mais acurada das relações entre os militares e demais representantes da sociedade é também temporal, depende de uma proximidade de conflitos e da percepção de segurança.

*Mas, a sociedade está também em profunda mudança. E se nos situarmos na sociedade que se foi construindo no denominado mundo ocidental ou euro-atlântico, fundada na cultura judaico-cristã e num sistema de valores e regras de conduta expressas nas Tábuas da Lei, as mudanças são evidentes e têm merecido observação atenta das comunidades académicas internacionais e nacionais. No âmbito da Nações Unidas foi criado, em 1994, o fórum Values Caucus, que focando a sua atenção mais em valores universais como a Paz, os Direitos Humanos, o Ambiente ou o progresso da Democracia, tem esquecido a alteração de valores em comunidades, família ou instituições. Mas outros estudos tentam colmatar essa falha. Uma observação conduzida, em 1970, em seis sociedades europeias, revelou grandes diferenças na prioridade de valores entre gerações mais velhas e mais novas. Nas gerações mais velhas, valores “materialistas”, valorizando a segurança física e económica, mostraram-se dominantes, enquanto os valores predominantes entre gerações mais novas se focaram em valores “pós materialistas”, dando relevo a autonomia e expressão própria. (ESPIRITO SANTO, 2014,p.1021)*

A forma com a qual, por exemplo, a geração que viveu a 2ª Guerra Mundial percebe a necessidade de Defesa e Segurança é diferente de gerações que se seguiram. Há um evidente “esquecimento” do conflito, que é uma situação ótima por um lado mas deixa brechas para uma falsa sensação de proteção. Tratar a guerra como algo distante e não palpável é negar a história e a posição de evolução social que atingimos. Os conflitos não acabaram, simplesmente tomaram forma e representatividade diferentes.

**Figura 1 – Gráfico Materialistas X Pós-Materialistas**

VALUE TYPE BY AGE GROUP AMONG THE PUBLICS OF BRITAIN, FRANCE, WEST GERMANY, ITALY, BELGIUM AND THE NETHERLANDS IN 1970



Fonte: ESPÍRITO SANTO, 2014

O gráfico acima demonstra claramente a percepção das gerações no que tange o materialismo<sup>8</sup> e o pós-materialismo<sup>9</sup>. Gerações que viveram a guerra

<sup>8</sup> O materialismo, também chamado fisicalismo, na filosofia, a visão de que todos os fatos (incluindo fatos sobre a mente e a vontade humanas e o curso da história humana) são causalmente dependentes de processos físicos, ou até redutíveis a eles (Enciclopédia Britânica)

<sup>9</sup> Pós-materialismo, orientação de valor que enfatiza a auto-expressão e a qualidade de vida, em detrimento da segurança econômica e física. O termo pós-materialismo foi cunhado pelo

percebem a importância dos meios de Defesa através da experiência. Interessante perceber como uma cultura de Defesa pode diferenciar sociedades e evitar posições de desvantagem em relação às demais.

Historicamente a diferenciação funcional entre civis e militares foi evidenciada com o advento dos exércitos profissionais mas não significa que ocorreu efetivamente uma separação. A maneira com a qual o fenômeno guerra modificou os parâmetros sociais se fez presente na evolução dos conflitos. A guerra passou dos campos, onde pertencia apenas aos soldados a percepção dos horrores vivenciados, para os centros urbanos e assim levando toda a sociedade a efetivamente fazer parte dessa expressão. A Guerra Total <sup>10</sup> como percebemos nas Grandes Guerras do século XX alcançou estratos sociais antes não participantes.

Deve-se possuir um entendimento de que as Forças Armadas de um país são parte indissociáveis de uma sociedade, os elementos que as constituem são oriundos e retornam ao seio familiar logo no término de suas tarefas e missões. Os anseios que acometem a população em geral também afetam diretamente os elementos formadores de sua força de proteção. Existe uma distinção da maneira com a qual cada população vê seus militares e isso se reflete diretamente na maneira com a qual são dispendidos investimentos.

Não é possível que se alimente uma separação, mas sim uma integração que já é natural, dada a natureza das tropas ser advinda de uma sociedade constituída.

Interessante observar que ainda em sociedades que possuam notadamente o contato constante com a Defesa ocorreu a mudança evidente da percepção social.

*Uma opinião pública que cada vez mais privilegia a segurança, favorecendo medidas preventivas, esquecendo a defesa e a coação, como forma limite de conseguir segurança. Uma sondagem de opinião pública, recente, na Europa, mostra-nos o que os europeus mais temem para a sua segurança. Como se verifica, de dez*

---

cientista social americano Ronald Inglehart em *The Silent Revolution: Change Values and Styles Political With Western Publics* (1977). (Enciclopédia Britânica)

<sup>10</sup> Guerra total é um conceito dito moderno de um conflito, de alcance ilimitado; no qual as partes beligerantes entram numa fase de mobilização total de todos os seus recursos humanos, industriais, agrícolas, militares, naturais e tecnológicos para o esforço de guerra.

*ameaças que se relacionam com segurança e defesa as três coisas que os europeus mais temem, numa sondagem recente, são riscos não militares (crime organizado, 77%, um acidente com uma instalação nuclear, 75%, e o terrorismo, 74%). Os riscos menos percebidos são um conflito nuclear na Europa (44%), uma guerra convencional na Europa ou uma Guerra mundial (45%). (ESPÍRITO SANTO, 2014, p 1023)*

Como desafio presente àqueles entusiastas e preocupados com a negligência da capacidade de um estado se defender propriamente, está a falta de publicidade, estudos que efetivamente atinjam o núcleo social e políticas perenes de manutenção operacional. É vital que a Academia se una a esse esforço de tornar palpável o assunto Defesa no âmbito político e das massas.

### **3. Academia e Defesa**

O conceito de Defesa está intimamente ligado à concepção de Estado. Contudo nem sempre seu uso está aliado à uma análise Acadêmica dos problemas impostos. A Política obviamente é responsável pela implementação de boas práticas de Estado e a maneira com a qual sua sociedade representada lida com as dinâmicas de Defesa.

O desenvolvimento do comércio e as descobertas do “Novo Mundo” tornaram as fronteiras antes reservadas aos limites territoriais quase que idealísticas. As relações entre as nações tornaram-se complexas e as decisões inerentes aos assuntos de um país cada vez mais necessitam de uma reflexão detalhada. Nessa evolução das relações a Academia se apresenta como uma importante voz que suportaria as escolhas. Não poderia então os assuntos de Defesa estarem apartados de um assessoramento científico.

A Defesa de um Estado constituído sempre esteve ligada à Política. A Democracia Moderna levou à uma interação social com as decisões fundamentais estratégicas e implicam numa maior divulgação e influência nas tomadas de decisão. O apoio necessário ao investimento de recursos na área de segurança coletiva requer transmissão de conhecimento, somente assim se possui um terreno necessário ao desenvolvimento.

Ainda que se desenvolvesse como estudo através dos pensadores modernos, a Estratégia representante de arcabouço para as políticas de Defesa somente alcança status de Disciplina no Século XX.

*Bernard Brodie inaugurou o debate em “Estratégia como uma Ciência”, enquadrando o relacionamento necessário entre Estudos Estratégicos e as trajetórias formativas militares. O contexto particular de sua preocupação era o fato de que, nos EUA, a saída de militares de cargos importantes no pós-guerra aquietava um juízo a seu ver inapropriado, de que a instituição militar extrapolava suas funções. A seu ver o verdadeiro problema, cujo enfrentamento era urgente, era que os militares não estivessem adequadamente preparados para atuar em estratégia. A evidência mais marcante disso era que a história militar e os pensadores considerados “clássicos”, como Clausewitz, eram um arcabouço estranho aos militares e mesmo aos acadêmicos ditos especialistas. (PROENÇA JÚNIOR, 2007, p.31)*

A aproximação da Academia com as decisões estratégicas permite diminuir a presença de divagações ou falta de embasamento. A exaltação da experiência de campo acabaria por resultar na falta de incremento científico e tecnológico nos assuntos relativos à Defesa Nacional, principalmente no que se refere à utilização moderna dos meios militares. A adaptação aos novos tempos, no que se refere à evolução da arte da Guerra depende da simbiose da Academia e os meios de Defesa.

### **3.1 Pós Segunda Guerra Mundial**

Após a Segunda Guerra Mundial um breve período antecedeu a Guerra Fria e uma consequente corrida científica e militar. Gastos vultosos e desenvolvimento das potências antagônicas levaram à uma interação estatal cada vez maior com a Academia. Não somente para desenvolvimento bruto ou instrumental, mas também para o desenvolvimento estratégico. A complexidade das interações mundiais levaram a uma busca incessante por sobrepor as barreiras da

complexidade sistêmica e encontrar um caminho de progresso em meio a adversidades globais. A Guerra Fria se inicia como uma contenção ao crescimento da zona de influência soviética.

*Sua largada se dá um par de anos depois de concluída a Segunda Guerra Mundial. Apesar de se terem aliado no enfrentamento à Alemanha nazista e no acordo para uma nova ordem mundial, alcançado em consecutivas conferências presidenciais em Teerã, Moscou, Potsdam e Yalta as potências vencedoras guardavam uma profunda desconfiança mútua. George Kennan, embaixador dos Estados Unidos em Moscou, enviou em 1946 um longuíssimo telegrama a seu governo, em que propunha adotar uma política de “contenção” a fm de frear a “expansão” que, segundo seu parecer, constituía a estratégia de Stálin. Por sua vez, o primeiro ministro britânico Winston Churchill qualificava de “cortina de ferro” a divisão que deixava “sob jugo soviético” a parte da Europa oriental (Tchecoslováquia, Bulgária, Romênia, Hungria, Polônia e Alemanha Oriental) liberada dos nazistas pelo Exército Vermelho. Um ano depois, o presidente estadunidense Harry Truman convertia a contenção em política oficial, em resposta ao suposto expansionismo soviético. O jornalista norte-americano Walter Lippmann publicava um livro cujo título era A Guerra Fria, criando assim a expressão com que por mais de quarenta anos se designaria a nova situação de tensão mundial. (RIBERA, 2012, p.89)*

EUA e URSS competiam em diversas áreas, primeiramente pelo controle europeu do pós-guerra, evoluindo assim para a tecnologia, ideologia e até esportes. O sucesso nos diversos campos da expressão humana significava o sucesso de um modelo, uma idéia.

Durante esse período ocorreu uma corrida armamentista, modificando completamente a estrutura de Defesa dos países, principalmente nos protagonistas do cenário global

*Essa corrida armamentista entre os EUA e a URSS atingiu, em seu ápice, o expressivo número de mais de 70 mil ogivas nucleares no ano de 1986. Apesar disto, este número vem caindo devido ao fim da*

*Guerra Fria e a crescente sofisticação e diminuição no tamanho dos armamentos e, ainda assim, aumentando a periculosidade, de modo a serem desnecessárias enormes quantidades se comparadas as de tecnologia obsoleta (MOITA, 2007). Esta busca por aprimoramento acabou se tornando um dos principais fatores que levaram ao fim da União Soviética, que não dispunha de uma economia muito forte e nem da tecnologia para acompanhar os EUA – como já anteriormente exposto. Sendo assim, necessitavam de muitas ogivas para compensar a sofisticação dos mísseis estadunidenses. (WEILAND, 2014, p.127)*

A estrutura de Defesa , especificamente, sempre esteve ligada aos militares. Historicamente a responsabilidade pela segurança coletiva esteve numa ligação direta entre governo e Forças Armadas. Durante a idade média e com o surgimento dos Estados Modernos havia ainda uma separação clara da influência do povo com relação à Defesa. Os rumos e dispêndios nas Forças era estritamente implementação do desejo do monarca ou governo constituído.

Com a ascendência dos regimes democráticos a participação de outros atores tornaram a assunto Defesa responsabilidade de todos. O Estado continua com o monopólio da violência, contudo precisa prestar contas dos rumos da nação para uma sociedade cada vez mais consciente do papel a ser exercido pela mesma. Após sofrer com conflitos que, sem exageros, chegaram a tornar crível um extermínio em massa, a população atualmente está mais inclinada em ignorar esse passado recente. Interessante verificar que esse sentimento foi o mesmo entre as Guerras Mundiais do século XX e levou à uma letargia nas respostas Aliadas aos países do Eixo.

### **3.2 Caso Americano**

O desenvolvimento da concepção de Defesa dos Estados Unidos da América está intimamente ligado à formação como um Estado constituído. Desde a origem os EUA estiveram em conflito e sua constituição se fez através de lutas.

Ainda no estabelecimento das Treze Colônias<sup>11</sup> e sua posterior independência da Metrópole britânica, é evidente a relação entre os civis e seus protetores. A formação de um componente regular remonta a integração de milícias e forças dos estados, as quais identificam o caráter popular da força terrestre americana.

*A Guerra da Independência dos E.U.A. (1775-1783) foi um conflito de grande importância nas décadas que precederam o eclodir da Revolução Francesa de 1789. Primeira guerra de “libertação nacional”, dos tempos modernos, serviu de modelo e exemplo aos movimentos anti-coloniais da América Latina dos finais do século XVIII e princípios do século XIX. Contudo, os acontecimentos americanos dos anos 70 e 80 de setecentos influenciaram igualmente a Europa, ganhando uma dimensão universal nos dois séculos seguintes e tornaram-se um marco fundamental da época Contemporânea. A “revolução” americana exprimiu as aspirações das elites intelectuais do Iluminismo europeu e americano do século XVIII. O apelo, expresso na Declaração de Independência dos E.U.A. (4 de Julho de 1776), corporizou as aspirações à emancipação dos povos e ao triunfo dos direitos inalienáveis do homem, nomeadamente o direito à vida, liberdade, felicidade e segurança tipicamente lockeanas ! A linguagem do direito natural não impedia, no entanto, a referência a Deus e à Divina Providência típica da predestinação calvinista e anunciadora da futura ideia do destino único e excepcional do povo americano 2 . A ambiguidade intrínseca da revolta americana resultava do facto de se assumir como um movimento independentista em nome dos direitos dos povos contra um ministério opressor – o governo da Coroa Britânica -, mas simultaneamente recusar esses direitos aos índios e africanos. Apesar deste facto foi sem dúvida um marco na história europeia, americana e mundial do século XVIII, inserido como evento maior na longa “Revolução Atlântica” que dominou o Ocidente entre os anos*

---

<sup>11</sup> As Treze Colônias, também conhecidas como Treze Colônias Britânicas ou Treze Colônias Americanas, eram um grupo de colônias britânicas na costa atlântica da América do Norte, fundadas nos séculos XVII e XVIII, que declararam sua independência em 1776 formando os Estados Unidos da América.

As Treze Colônias tinham sistemas políticos, constitucionais e legais muito semelhantes e a maior parte de população falava a língua inglesa e faziam parte da igreja protestante. Elas faziam parte das América Britânica possessões britânicas "Novo Mundo", que também incluía colônias no Canadá, Flórida e Caribe

*60 e 90 de setecentos. Pela primeira vez assiste-se fora da Europa, num território pretensamente virgem, ao nascimento / construção simultâneo de um estado e de uma nação segundo os parâmetros culturais e políticos do Iluminismo de setecentos (SILVA, 2006, p.913)*

Com uma história marcada por conflitos, primeiramente para estabelecer sua conformação territorial e posteriormente para confirmar sua posição influente no seu entorno próximo, a instrumentação da proteção do país evoluiu de acordo com as aspirações pretendidas pela nação.

Durante o século XIX ocorreu a expansão para o oeste americano, a Guerra Civil Americana e ainda assim se aproximou do final do século com forças armadas ainda insipientes. Interessante salientar que a política externa americana apresenta períodos de reclusão e expansão, segundo suas próprias tendências internas e apresenta um congresso forte, que nem sempre está completamente alinhado com o direcionamento do presidente em exercício.

*Conforme apresentado no item anterior, origem dos Think Tanks remonta início do século XX, na onda do Progressivismo, mas foi, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, quando se notou que havia um espaço de atuação possível entre incapacidade da Burocracia de compreender as transformações no âmbito internacional e o planejamento científico do futuro do sistema, assim como o desejo dos EUA de se colocar e manter como potência hegemônica, que sua permeabilidade e simbiose com o governo e os policy makers se tornaram mais nítidas, sendo uma das grandes transformações Pós-Guerra (Smith, 1991) e funcionando como um instrumento para a propagação de ideias.*

*Em 1941, editorial da revista Life, Henry Luce falou em Século Americano, defendendo que OS EUA tomassem o lugar que lhe pertencia por direito, o de uma liderança global e universal. Como se verá, foi que aconteceu, naquele instante de perplexidade, como uma guinada na política externa norte-americana, cuja meta passa a ser edificar uma ordem cooperativa liderada pela América garantindo um*

*ambiente favorável para sua expansão ultramar e futura consolidação hegemônica.*

*Apesar do desejo de cooperação, Kagan (2003:80) ressalta que o idealismo nunca a única fonte da generosidade ou da inclinação dos EUA de procurar trabalhar em conjunto com seus aliados, principalmente naquele momento. O multilateralismo norte-americano da Guerra Fria era mais pragmático que idealista em suas e na busca por resultados, já que "trabalhar sozinho" após 1945 significava trabalhar sozinho contra a união soviética. Ficar sozinho significava fragmentar o Ocidente, o que implicaria numa maior permeabilidade dos considerados aliados ao inimigo comunista, diminuindo a zona de influência americana.(SILVA, 2007, p.132)*

As origens das instituições de pesquisa que influenciam as políticas de Estado remetem ao final do século XIX. Os EUA se mostrando uma potencia meteórica em crescimento levaram a sua sociedade a compor instituições para analisar e corroborar com as políticas públicas, de maneira a mitigar os problemas relacionados à má gestão e corrupção. Assim, ainda do início do século datam as primeiras instituições de pesquisa acadêmica.

Como Teixeira cita a instituição modelo a *Brookings*, instituição com alta credibilidade até os dias de hoje. The Brookings Institution é uma instituição de políticas públicas sem fins lucrativos baseada em Washington, DC. Sua missão é conduzir profunda pesquisa que levem à novas idéias para solucionar proplemas que afetam a Sociedade nos níveis local, nacional e global. (Brookins, 2019)

Com o vácuo de poder deixado pelo declínio do Império Britânico os EUA se apresentam como herdeiro de sua antiga metrópole no protagonismo global. A estruturação dessa tomada de posição foi calcada no investimento em pesquisa em diversas áreas. Inicia-se uma vultosa quantidade de investimento na área de Relações Internacionais. Uma segunda geração de instituições de pesquisa (Think Tanks) é formada na pesquisa política para atender às preocupações dos tomadores de decisão. O grande exemplo foi a RAND Corporation, instituição a qual é patrocinada majoritariamente por organizações governamentais, constituindo investimentos de aproximadamente 80% do total (RAND, 2019). Contudo um dos valores prezados pela instituição é seu apartidarismo, sendo respeitada por operar independente de pressões políticas e comerciais. Com estudos que determinaram a

maneira com a qual a sociedade evoluiu, este assim como diversos outros institutos estiveram na vanguarda das mudanças. Desde o design de Satélites ainda em 1947, da Inteligência Artificial em 1957 e até mesmo do Tablet ainda em 1961, podemos verificar o impacto gerado por essa iniciativa.

Diversas outras instituições seguiram utilizando este modelo contudo a década de 1970 apresentou uma transformação no escopo desses institutos para advogar determinadas causas de foro doméstico ou internacional (ABELSON, 2006).

*Na categoria supracitada, há um trabalho objetivo de promover mudanças, interesses pessoais, valores ou afetar a política, mais do que simplesmente informar (McGann, 2000). A junção da pesquisa política com técnicas de marketing agressivas alterou profundamente a natureza e o papel da comunidade dos TT's, que se concentraram em buscar oportunidades para influenciar a direção e o conteúdo da Política Externa (Abelson, 2002 a), como o CSIS (1962), Heritage (1973) ou Cato (1977).*

*A partir de uma espécie de “filosofia Wal-Mart”, com idéias expostas como as mercadorias na prateleira de uma grande loja, os advocacy think tanks<sup>12</sup> seguem um programa ideológico preciso com recomendações operacionais para influenciar quem é influente. Esse forte investimento nas idéias, aliança estratégica entre empresariado, o Partido Republicano e o conservadorismo e um marketing ideológico estão ajudando a mudar o curso da política norte-americana. (SILVA, 2007,p.137)*

Com a convulsão social da década de 1970 e a crescente necessidade de reiterar a confiança nas políticas conservadoras adotadas frente ao progressismo se aumentam os investimentos nas instituições de caráter tradicionalista. De maneira organizada e demonstrando um meio de aplicar seus conceitos em contrapartida à profusão de ideias liberais que emergiam, as think tanks mais conservadoras se expandem.

---

<sup>12</sup>Um **think tank**, **laboratório de ideias**, **gabinete estratégico**, **centro de pensamento** ou **centro de reflexão** é uma instituição ou grupo de especialistas de natureza investigativa e reflexiva cuja função é a reflexão intelectual sobre assuntos de política social, estratégia política, economia, assuntos militares, de tecnologia ou de cultura.

Tem início um embate entre Liberais e Conservadores que se segue nas décadas seguintes, transformando-se também na disputa de propaganda. A propagação do discurso tomou extrema importância perante o conteúdo acadêmico. Conforme descrito por Teixeira, ocorre uma cadeia de atores que vai de assessores legais para dar legalidade aos princípios, passando por meios da imprensa para mobilizar a opinião pública e atacar pensamentos contrários. Aliado à essa combinação ocorre a cessão de bolsas de estudo, estágios e cursos.

Levando especificamente para o desenvolvimento do pensamento em Defesa, as políticas conservadoras se baseiam no aparato militar forte para então sustentar uma presença americana forte nos assuntos globais.

Interessante salientar a iniciativa de criação do Project for the New American Century (PNAC), instituição que apesar do orçamento modesto conseguiu influenciar a aplicação da Doutrina Bush<sup>13</sup>.

*Segundo seus signatários, os conservadores não teriam conseguido levar adiante uma visão estratégica do papel da América no mundo, deixando de lutar por um orçamento de Defesa que garantisse a segurança nacional e difundisse os interesses norte-americanos no novo século. No documento, alegam que os cortes nos Departamentos de Estado e da Defesa e a falta de liderança minaram a capacidade de manter a influência norte-americana no mundo. Para reverter esse quadro, seria preciso lembrar e recuperar elementos essenciais do governo Reagan: a posse de um exército forte e preparado para enfrentar os desafios presentes e futuros, a manipulação de uma política externa que promova os princípios norte-americanos mundo afora e uma liderança nacional que aceite as responsabilidades globais dos EUA. (SILVA, 2007,p.200)*

---

<sup>13</sup> **Doutrina Bush** foi um termo utilizado para descrever uma série de princípios relacionados com a política externa do ex-presidente dos Estados Unidos George W. Bush, declarados como resultado dos atentados de 11 de setembro de 2001. A frase inicialmente descrita na política que os Estados Unidos tinham o direito de tratar como terroristas os países que abrigam ou dão apoio aos grupos terroristas, que foi utilizado para justificar a invasão do Afeganistão.

Considerada uma *neocon*<sup>14</sup>, o PNAC caracteriza uma nova fase dos Think Tanks, na qual a estrutura é de menor vulto e se baseia na nova de estratégia de investir em ações contundentes na propaganda de ideologia. Ainda que ainda existam as instituições consagradas, baseadas na credibilidade da produção técnica, as últimas décadas caracterizaram a profusão de institutos objetivando a influência nos tomadores de decisão de acordo com uma vertente ideológica específica.

*O fato de os neocons serem parte do quadro da maioria dos think tanks mais conservadores, entre eles seus quartéis-generais Project for The New American Century (PNAC), AEI e Heritage Foundation, pode significar que esse grupo imponha sua influência predeterminando as condições de ação desses institutos, dando pouco espaço e margem de manobra para a floração de ideias realmente inovadoras, o que se refletiria no governo Bush, do qual eles um dos grupos de mais forte ascendência desde o final de 2001. Além disso, o fato de terem como pano de fundo os sentimentos de missão e excepcionalismo já delimitaria sua área de atuação na política externa, de modo que se pode tentar antecipar os caminhos que serão trilhados e suas prováveis escolhas em temas centrais e de interesse, não somente interno como de toda a comunidade internacional e, óbvia e principalmente, brasileiro. (SILVA, 2007,p.166)*

Interessante perceber que no caso americano, a própria ascensão do país como potencia hegemônica na década de 1990 e a necessidade em afirmar a influência no globo formaram um terreno fértil para iniciativas assertivas no que se refere à pressão ideológica.

A organização da ala conservadora, aliada à uma estratégia de atingir diretamente a opinião pública e emitir relatórios indicando um maior investimento nos instrumentos de Defesa levaram, em parte, às ações mais efetivas no oriente médio a partir dos anos 2000.

---

<sup>14</sup> Alguém, ou instituição, cuja política é conservadora ou de direita, que acredita fortemente no livre mercado e pensa que seu país deve usar seu poder militar para se envolver ou tentar controlar problemas em outros países.

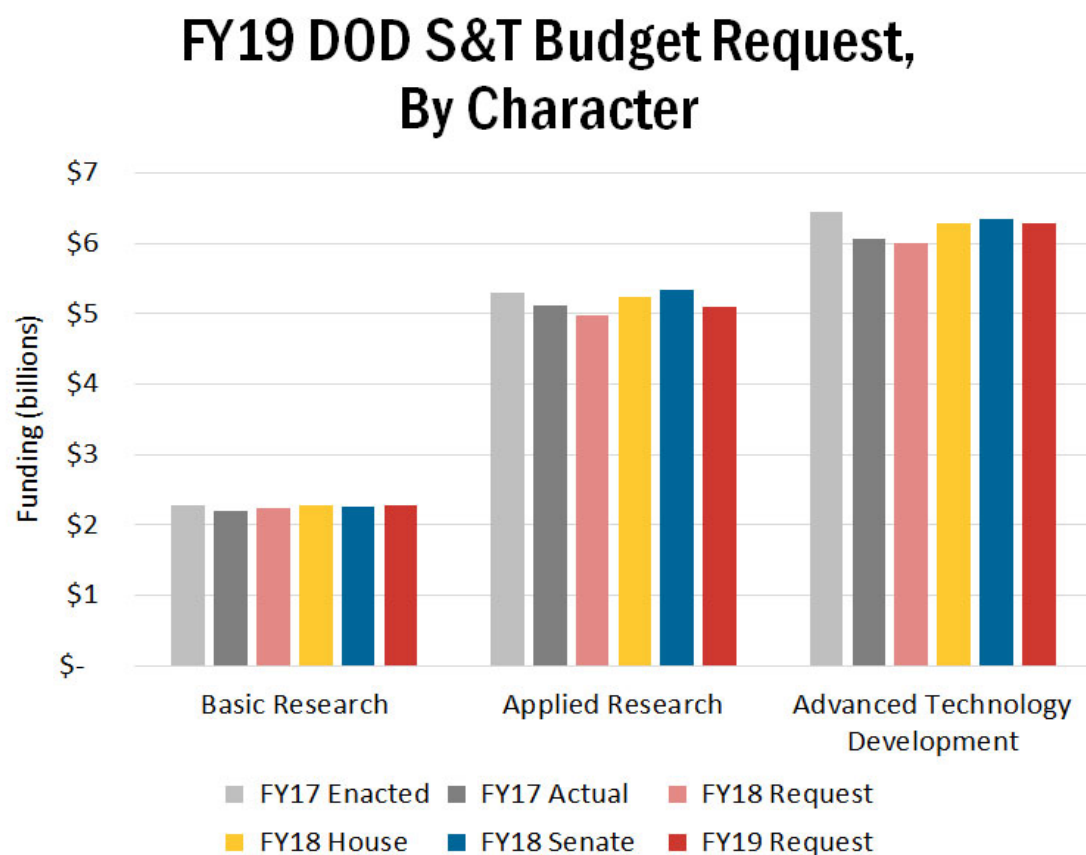
Como revés à essas ações, fica evidente o efeito reverso em ter um discurso liberal e democrata, quando depende de ações intervencionistas para atingir seus objetivos. “ Aos olhos do mundo e, em especial, daqueles que os americanos querem conquistar (árabes e muçulmanos), as políticas dos Estados Unidos parecem contradizer os valores mais fundamentais que eles próprios defendem” (SILVA, 2007).

Com o fracasso midiático nas guerras do Iraque e Afeganistão e a redução sistemática da percepção de necessidade bélica, indicam a necessidade de repensar a qualidade dos gastos em Defesa e se faz necessário calcar estudos e ações de propaganda a favor de políticas em Defesa que não permitam fragilizar a proteção dos Estados.

*Em tempos de crise econômica, as repercussões no exército são múltiplas, diferentes e complexas: no orçamento e nas despesas anuais relacionadas (intervenções militares, manutenção, infraestrutura, pensões, recursos, renovação de equipamentos), na percepção da sociedade de intervenções humanitárias ou armadas, portanto, é essencial que as forças armadas tenham uma visão estratégica global e precisa do papel que os think tanks desempenham e da influência que exercem sobre as forças de defesa, interesses econômicos ou empresas nacionais que realizam atividades de inteligência econômica. na formulação de políticas e na aceitação (ou não) de políticas de defesa. (URRUTIA, 2013, p. 25)*

O desafio americano está em sustentar seu orçamento em Defesa, baseado em sua manutenção de posição perante o globo. Mesmo possuindo uma sociedade cônica da importância de proporcionar os melhores meios para garantir sua proteção, as interações contemporâneas aliadas à um constante embate de informação e desinformação gera ruídos de comunicação que dificultam quaisquer tentativas de apresentar soluções.

**Figura 2** – Orçamento de Pesquisa do Departamento de Defesa dos EUA



American Institute of Physics | [aip.org/fyi](http://aip.org/fyi)

Fonte: American Institute of Physics, 2019

Como pode ser observado acima, a parte do orçamento de Defesa americano responsável pelo desenvolvimento de pesquisa, seja ela básica, aplicada ou avançada é ainda um valor de grande importância. O orçamento total de Defesa de Israel, por exemplo, é de aproximadamente 15 Bilhões de dólares (SIPRI, 2019), o que nos leva a comparar aos quase 14 Bilhões de dólares gastos anualmente somente com pesquisa da Defesa.

Ainda se caracterizando como um exemplo de sucesso na aplicação da interação entre Academia e Defesa, os EUA são acometidos sistematicamente por pressões internas e externas que levam à necessidade de reinventar sua relação com seus contribuintes, gestores e aliados.

Assim, apesar de já possuir uma estreita correlação entre os diversos aspectos que norteiam uma base de fomento em instrumentos de Defesa, ainda há

desafios constantes que acometem os decisores e indicam que somente um suporte acadêmico aliado às iniciativas de profusão de idéias consegue permear os diversos ramos sociais e assim robustecer o pensamento na proteção da Sociedade como um ente característico da sobrevivência de uma nação.

### **3.3 Caso Português**

Ao buscarmos correlação que nos remeta à similaridade com um contexto ao qual estejamos familiarizados, interessante é buscarmos paralelos com países que possuam de certa maneira laços culturais conosco, bem como situação de desenvolvimento parecida.

Apesar de considerarmos Portugal uma nação relativamente pobre e possuidora de pequena população e território, não seria divergente utilizarmos um exemplo de país que outrora já se apresentou como uma metrópole global e possui vínculos indissociáveis com a cultura e população brasileiras.

Apresentando ainda um processo recente de recuperação econômica, a nação lusitana consegue anualmente apresentar melhora nos seus índices de desenvolvimento e possui um singular pensamento estratégico no que tange seus instrumentos de Defesa.

É evidente a quantidade de aspectos que possibilitam a expansão do pensamento em Defesa na sociedade portuguesa. Um país que historicamente se expandiu muito além de suas fronteiras continentais e alcançou status de potencia dos Descobrimentos<sup>15</sup>. Apesar de ter enfrentado uma extensa retração da sua influência global e até no seu entorno, Portugal se faz ativo no âmbito europeu e africano.

---

<sup>15</sup> Era dos descobrimentos (ou das Grandes Navegações) é a designação dada ao período da história que decorreu entre o século XV e o início do século XVII, durante o qual, inicialmente, portugueses, depois espanhóis e, posteriormente, alguns países europeus exploraram intensivamente o globo terrestre em busca de novas rotas de comércio. Os historiadores geralmente referem-se à "era dos descobrimentos" como as explorações marítimas pioneiras realizadas por portugueses e espanhóis entre os séculos XV e XVI, que estabeleceram relações com a África, América e Ásia, em busca de uma rota alternativa para as "Índias", movidos pelo comércio de ouro, prata e especiarias. Estas explorações no Atlântico e Índico foram seguidas por outros países da Europa, como França, Inglaterra e Países Baixos, que exploraram as rotas comerciais portuguesas e espanholas até ao oceano Pacífico, chegando à Austrália em 1606 e à Nova Zelândia em 1642. A exploração europeia perdurou até realizar o mapeamento global do mundo, resultando numa nova divisão mundial, e no contato entre civilizações distantes, alcançando as fronteiras mais remotas muito mais tarde, já no século XX.

Como membro fundador da OTAN<sup>16</sup>, essa própria constatação se reveste de importância, pois durante os momentos que precederam a criação da organização o Estado Português não esteve alinhado aos interesses dos aliados ocidentais.

*Regime autoritário, país neutro na Segunda Guerra Mundial. Portugal tinha estado afastado do reordenamento da cena internacional no pós-guerra, para não dizer que tinha estado, internacionalmente, marginalizado entre 1945 e 1949. Porquê então o convite para assinar o Tratado de Washington e tornar-se membro fundador da Aliança Atlântica? (SEVERIANO TEIXEIRA, 1995, p. 803)*

Com uma história recente marcada por uma Revolução<sup>17</sup> ainda na década de 70 do século passado, a evolução das relações civis-militares se deu de maneira distinta a outros países como o Brasil.

*A 25 de abril de 1974 um golpe de Estado levado a cabo pelo Movimento de Capitães, rebaptizado Movimento das Forças Armadas (MFA), põe fim a 48 anos de ditadura do Estado Novo. De imediato o MFA recebe o apoio entusiástico da população de Lisboa, que em menos de uma semana destrói os símbolos do antigo regime. No Quartel do Carmo, em Lisboa, o governo foi cercado; as portas da prisão de Caxias e Peniche abriram para saírem todos os presos políticos; a Pide, a temível polícia política, foi desmantelada, foi atacada a sede do jornal do regime A Época e a censura abolida. Ninguém esperava porém esse desfecho vertiginoso do mais antigo império colonial. O Partido mais organizado em Portugal à época, que deveria ter em torno de 2 mil a 3 mil militantes, o Partido Comunista Português (PCP), preconizava o derrube da ditadura como uma aliança entre as “massas aliadas aos sectores militares progressistas”, para combaterem o ‘atraso’ do país. Porém, o regime*

---

<sup>16</sup> Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN — em francês: *Organisation du Traité de l'Atlantique Nord*; em inglês: *North Atlantic Treaty Organization* - NATO), por vezes chamada Aliança Atlântica, é uma aliança militar intergovernamental baseada no Tratado do Atlântico Norte, que foi assinado em 4 de abril de 1949. A organização constitui um sistema de defesa coletiva através do qual seus Estados-membros concordam com a defesa mútua em resposta a um ataque por qualquer entidade externa à organização. A sede da OTAN localiza-se em Bruxelas, na Bélgica, um dos 29 países membros em toda a América do Norte e Europa, sendo que os mais novos (Montenegro) associaram-se em junho de 2017. Um adicional de 21 países participam da Parceria para a Paz da OTAN, com 15 outros países envolvidos em programas de diálogo institucionalizado. O gasto militar combinado de todos os membros da organização constitui mais de 70% do total de gastos militares de todo o mundo. Os gastos de defesa dos países membros devem ser superiores a 2% do PIB.

<sup>17</sup> A Revolução de 25 de Abril, também conhecida como Revolução dos Cravos ou Revolução de Abril, refere-se a um evento da história de Portugal resultante do movimento político e social, ocorrido a 25 de abril de 1974, que depôs o regime ditatorial do Estado Novo, vigente desde 1933, e que iniciou um processo que viria a terminar com a implantação de um regime democrático e com a entrada em vigor da nova Constituição a 25 de abril de 1976, marcada por forte orientação socialista.

*cai às mãos não das 'massas' nem dos soldados, mas de um grupo da oficialidade intermédia, reunido no Movimento dos Capitães, que não queria ir mais para a guerra, que consideravam perdida. O arrastamento da guerra ao longo de 13 anos sem vislumbre de qualquer solução política no quadro do regime de Marcelo Caetano e a iminência de derrota abriram a crise nas Forças Armadas. A revolução é determinada pela combinação da luta anticolonial com a irrupção das lutas na metrópole e vice-versa, a situação na metrópole reforça a legitimidade dos movimentos de libertação nas colónias e precipita a independência destas num curto espaço de tempo (em 19 meses todas as ex-colónias se tornam independentes). (VARELA, 2012, p. 404)*

Interessante observar que as Forças Armadas têm papel primordial nesse contexto. Por razões históricas, existe uma forte ligação entre os civis e militares naquele país. O processo de redemocratização somente foi possível por um movimento oriundo das médias e baixas patentes das Forças, com a presença marcante na estabilização. No Brasil contudo, ocorreu um distanciamento após a cessão de poder pelos militares, algo que enfraqueceu uma perspectiva de visão estratégica no cerne da Defesa, uma vez que somente com a cooperação civil-militar teremos êxito nesse contexto.

As Forças Armadas atuaram ativamente na ascensão democrática, sendo um instrumento de quebra de um regime ditatorial civil exercido pelo Estado Novo<sup>18</sup>.

Após diversas alterações constitucionais e utilização de instrumentos de controle dos militares, pode-se dizer que Portugal apresenta hoje uma subordinação saudável do poder militar sob seus representantes eleitos democraticamente.

*Mas, depois de 1975, e do denominado tempo do regresso dos militares a quartéis, essas relações merecem alguma reflexão, especialmente quando olhamos para a via de dois sentidos que deve caracterizar essas relações. Da parte do profissionalismo militar houve notáveis progressos: no afastamento dos militares da vida política da Nação, na sua qualificação que hoje torna os militares portugueses dos mais qualificados no mundo ocidental (ombreando com os médicos nesse mérito), na observância da democracia e da sua adesão ao controlo político. Não há generais nem almirantes em conselhos de administração, nem a concorrer a cargos políticos, e muito poucos se prestam a colaborar em lobbies de pressão às decisões políticas. Os militares, maioritariamente, assumiram a grandeza e a servidão da sua condição militar, desde a situação do*

---

<sup>18</sup> O Estado Novo foi o regime político autoritário, autocrata e corporativista de Estado que vigorou em Portugal durante 41 anos ininterruptos, desde a aprovação da Constituição de 1933 até ao seu derrube pela Revolução de 25 de Abril de 1974.

*serviço efetivo até à situação de reforma. (ESPÍRITO SANTO, 2014, p.1029 )*

Instrumentos estes que permeiam alterações de atribuições exercidas nos altos cargos das Forças e do Governo, além de uma política de integração entre os militares e civis no pensamento em Defesa.

Como um dos grandes estimuladores da integração do pensamento em Defesa pela sociedade conjuntamente encontramos o Instituto de Defesa Nacional.

*Vale notar que o Instituto da Defesa Nacional (IDN), financiado pelo MDN (Ministério da Defesa Nacional) e cuja missão principal é o apoio à formulação do pensamento estratégico nacional sobre segurança e defesa, é extremamente atuante, em comparação com outras novas democracias, na promoção das relações civis-militares e no atendimento e deferência às Forças Armadas. (BRUNEAU, 2016, p.432)*

Embrionariamente originado ainda em 1967, sob a alcunha de Instituto de Altos Estudos da Defesa Nacional (IAEDN), apresentou logo em 25 de Abril de 1974 sua primeira ruptura histórica e suas atividades foram paralisadas durante o período revolucionário.

Após um breve período e ocorrendo em suas instalações ainda estudos de temática acadêmica, reaparece então o Instituto em 16 de Julho de 1976, agora como IDN.

Inicialmente o instituto estava subordinado ao Estado Maior Geral das Forças Armadas, fato que o submetia a restrições devido à sua posição interna à uma organização militar.

Atualmente, após o ascensão do Ministério da Defesa acima das Forças, o IDN encontra-se diretamente ligado hierarquicamente ao mesmo desde 1982, apresentando assim abertura para a presença cada vez mais atuante de elementos civis.

Além de possuir uma extensa gama de instituições de ensino parceiras, ocorre ainda uma forte ligação com o processo decisório estatal no que tange a Defesa.

*Outra conexão tem sido mantida com o Poder Legislativo, através da atuação do IDN junto à Comissão Parlamentar de Defesa Nacional (CPDN). Apesar de as demandas por parte da CPDN serem pontuais, constantemente representantes daquela comissão têm*

*participado em eventos, seminários ou cursos realizados pelo IDN. Isso tem proporcionado a criação de um canal contínuo de comunicação, que é ativado sempre que necessário, o que permite um debate intenso sobre o tema defesa nacional, e ainda, o fortalecimento das atividades do Instituto, tema próxima seção. (SILVA JUNIOR, 2015, p.34)*

Funcionando como um assessoramento à decisão, o IDN se apresenta sendo uma importante fonte de conhecimento estratégico, fruto de uma construtiva integração do pensamento em Defesa, seja ele oriundo de civis ou militares.

É inegável essa participação ativa do instituto nos afazeres da nação portuguesa como evidenciado por REIS e GASPAR:

*Uma vontade nacional mais informada e mais mobilizada seria o resultado desejável do ponto de vista do reforço deste pilar da estratégica nacional. Como o conseguir sem violar os princípios democráticos de debate livre que são parte dos valores de partida que animam em princípio essa vontade?*

*Há em Portugal como no estrangeiro instituições com uma vocação de formação e informação da vontade estratégica nacional. É o caso do IDN a quem cabe contribuir, em Portugal, para:*

- Formação mais específica e aprofundada sobre a defesa nacional de elites em vários campos relevantes, por via dos auditores do Curso de Defesa Nacional e outros cursos similares;*
- Grupos de estudo e debate envolvendo académicos, jornalistas, diplomatas e militares que permitem informar a estratégia nacional com uma expertise variada; (REIS e GASPAR, 2013, p.25-26)*

Internamente ao Instituto existe uma área de Investigação, a qual se responsabiliza pela produção de conhecimento em diversas áreas dentre as quais podemos destacar a análise das grandes questões no âmbito da política externa, da segurança e da defesa nacional e internacional no plano conceptual, teórico e aplicado; o desenvolvimento de projetos de investigação e promoção de estudos no apoio à tomada de decisão; o incremento de ações de formação, de divulgação e de debate, nomeadamente através da organização de mesas redondas, workshops, seminários e conferências nacionais e internacionais; o fomento da produção científica através da elaboração de artigos, working papers e livros; e o desenvolvimento de parcerias com instituições e organismos congéneres nacionais e estrangeiros.(IDN,2019)

*A relação histórica dos militares na ascensão democrática permitiu uma visão compartilhada do pensamento em Defesa, primeiramente pela visão positiva dos militares que permitiu a abertura do pensamento estratégico em diversos níveis.*

*Vale notar que o Instituto da Defesa Nacional (IDN), financiado pelo MDN e cuja missão principal é o apoio à formulação do pensamento estratégico nacional sobre segurança e defesa, é extremamente atuante, em comparação com outras novas democracias, na promoção das relações civis-militares e no atendimento e deferência às Forças Armadas. Nesse sentido, o IDN contratou pelo menos duas pesquisas de opinião pública para avaliar a extensão do apoio da população às Forças Armadas, a diferentes missões e funções, e para analisar as atitudes populares quanto aos diferentes níveis de segurança nacional e às instituições de defesa. Não tenho conhecimento de pesquisas similares de tamanha envergadura realizadas em outros países, ou pelo menos por um ministério da defesa. A importância dessas pesquisas de opinião – e o próprio fato de terem sido encomendadas e financiadas pelo MDN – decorre do apoio generalizado às Forças Armadas e suas atribuições em Portugal, mesmo dentro da reduzida faixa de autonomia do país.(BRUNEAU,2016,p.432)*

Uma das formas de promover a integração dos diversos ramos da sociedade é a manutenção periódica de cursos. Como exemplo de sucesso se evidencia o Curso de Defesa Nacional (CDN), no qual dentre seus diversos objetivos se encontra fomentar a formação para uma cultura estratégica de segurança e de defesa, potencializar a consciencialização da sociedade civil para as questões da segurança e da defesa e promover o estudo e a investigação científica nos domínios da segurança e da defesa, bem como em domínios conexos. (IDN,2019)

**Figura 3 – Concludentes do CDN 2018**



Fonte: CDN, 2019

A participação de pessoas com influência nas diversas instituições, abrindo uma possibilidade de integração gera um ambiente propício para o desenvolvimento. Após um período de queda no número de candidaturas o prognóstico futuro é de recuperação no crescimento de interessados. O gráfico a seguir demonstra também em números a diversidade de atividades assistidas:

**Figura 4 – Curso de Defesa Nacional 2016-2017**



Fonte: IDN, 2019

Outro aspecto importante apresentado pelo IDN, de maneira a gerar credibilidade académica, é o grande número de instituições parceiras ao seu trabalho. A gama de faculdades e universidades de prestígio que contribuem para o esforço proposto é extensa. Das quais podemos citar:

- Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa
- Universidade Aberta
- Universidade Atlântica
- Universidade Autónoma de Lisboa
- Universidade Católica de Lisboa
- Universidade da Beira Interior
- Universidade da Madeira
- Universidade de Aveiro
- Universidade de Coimbra
- Universidade de Évora
- Universidade de Lisboa
- Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
- Universidade do Algarve
- Universidade do Minho
- Universidade do Porto
- Universidade dos Açores
- Universidade Fernando Pessoa
- Universidade Lusíada
- Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia
- Universidade Lusófona do Porto
- Universidade Nova de Lisboa
- Universidade Técnica de Lisboa

Assim como quaisquer outro produtor de conhecimento, há necessidade de contribuir para a confecção de periódicos, livros e relatórios. Desta forma se

consegue atingir camadas da sociedade que vão além de elites ou decisores, mas influenciam fortemente a tomada de ação. O IDN produz uma série de publicações dentre as quais podemos citar o IDN Cadernos, Nação e Defesa, IDN Brief e Atena (IDN,2019).

Existe portanto um esforço conjunto presente no Instituto, o qual visa elevar o pensamento crítico acerca da Defesa e proporcionar, inicialmente, àqueles que irão participar das decisões estratégicas do país e em um segundo momento atingir demais parcelas da sociedade e assim cumprir sua missão: “ o apoio à formulação do pensamento estratégico nacional, assegurando o estudo, a investigação e a divulgação das questões de segurança e defesa” (IDN,2019).

#### **4. Comparação entre os modelos**

De maneira a encontrar paralelos e conclusões, se faz imperativo comparar os dois modelos apresentados e assim dispor um caminho que seja exequível para um país não hegemônico mas com possibilidades reais de conseguir desenvolver seus aspectos de Defesa de maneira satisfatória.

Para tal iremos identificar parâmetros com os quais trataremos cada exemplo, chegando assim a conclusões baseadas na evolução em cada país. É interessante observar que aspectos históricos e de evolução social se revestem de grande influência nesse assunto, uma vez que há diferenças até em nações com desenvolvimento proporcional. Essa característica intrínseca permite traçar similaridades de acordo com o parâmetro utilizado.

O intuito de comparar países tão distintos é encontrar respostas positivas às experiências, proporcionando relacionar os aspectos verificados a diversos outros atores, como pode ser o caso do Brasil.

Primeiramente é interessante perceber como ocorre a relação da sociedade com a Defesa. Cada Cultura e História particular permite que cada país apresente uma ligação independente de fatores externos.

Devido à diferentes níveis de desenvolvimento e investimentos, devem ser avaliadas soluções aos diversos obstáculos de promover políticas que podem não possuir apelo popular, como pode se o caso da Defesa.

##### **4.1 Relação da Sociedade com o assunto Defesa**

Com uma formação histórica distinta, não é surpresa encontrarmos diferentes tipos de relação de sua população com a Defesa. Enquanto Portugal remonta sua história ainda nos tempos medievais, apresentando cultura e território constituído há séculos, os EUA apresentam uma história relativamente recente de constituição como país. Portugal já sentira o gosto de pertencer à elite do poder global, desfrutando do início das Grandes Navegações. Esse sentimento ainda constitui o âmago português e obviamente ainda traz à memória da população tempos de glória do passado, que contrastam com um presente marcado por uma forte recessão econômica.

Os EUA por outro lado, já no início do século XX figuravam como a potência global, desbancando sua predecessora Inglaterra. Sua estrutura acadêmica, econômica, política e social se transformou de maneira a sustentar sua posição frente aos desafios de liderar, num primeiro momento, o hemisfério ocidental e depois da queda da União Soviética o mundo. A relação interdependente dos diversos setores no desenvolvimento da Defesa em muito responde à posição de destaque exercida.

Em um país que figura em uma posição coadjuvante no cenário global as relações de fomento da Defesa se tornam diferenciadas. Percebe-se numa sociedade de constante mudança, na qual como vimos anteriormente os pensamentos pós-materialistas estão em voga, que há uma resistência latente no que se refere investimentos em pastas não afetas diretamente ao benefício imediato da população em geral. Portugal, que figurou nos últimos anos em manchetes devido à fragilidade econômica enfrenta o desafio de manter suas políticas de Estado perante um quadro de dificuldades.

Visualizando a aquisição de dados através de um escopo estrito porém representativo da sociedade portuguesa Carlos Júnior realizou uma pesquisa que se torna um indicativo de uma percepção social.

Para indicar a penetração do IDN como um dos maiores institutos relacionado à Defesa no país na sociedade portuguesa, usando como referência uma pesquisa realizada com Auditores de Defesa realizando o CDN, da maneira representada abaixo:

**Figura 5 – Questionário acerca da penetração do IDN na Sociedade Portuguesa**

| TÓPICO 1                                                                                              |                        |    |    |    |   |       |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|----|----|----|---|-------|
| QUESTÕES                                                                                              | FREQÜÊNCIA DE SUJEITOS |    |    |    |   | RM    |
|                                                                                                       | 1                      | 2  | 3  | 4  | 5 |       |
| Em vossa visão, qual o nível de penetração do IDN na Sociedade Portuguesa?                            | 1                      | 16 | 15 | 7  | 0 | 2,72  |
| Em vossa visão, qual o nível de conhecimento da sociedade portuguesa sobre o papel da Forças Armadas? | 2                      | 7  | 16 | 12 | 2 | 3,13  |
| MÉDIA ARITIMÉTICA RM TÓPICO 1                                                                         |                        |    |    |    |   | 2,925 |

Tabela 4

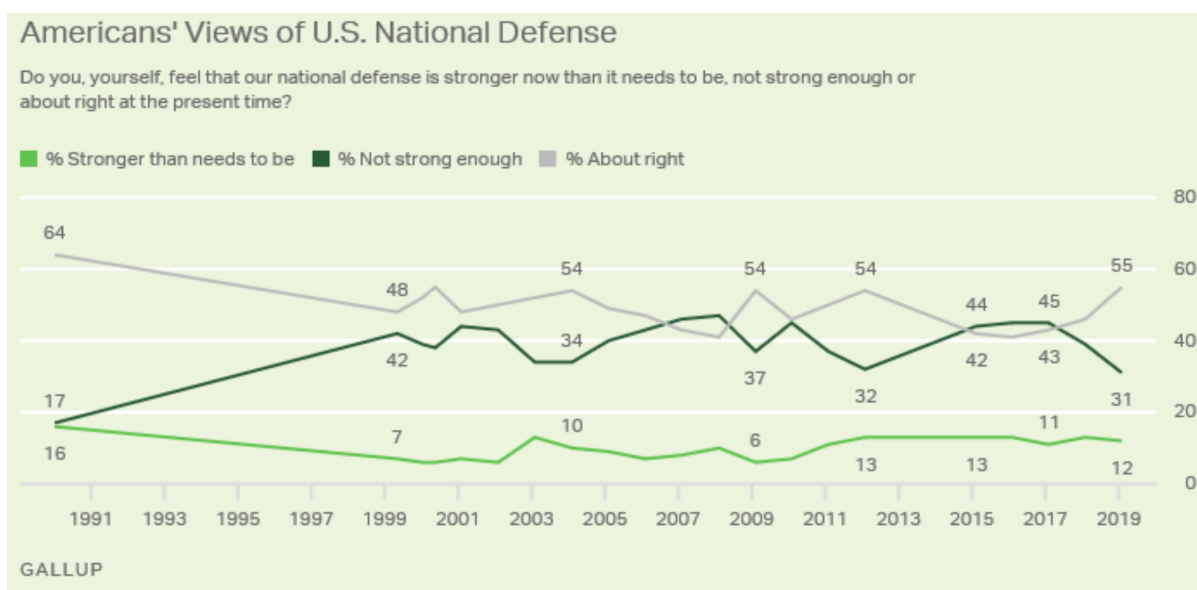
Fonte: Autor

Fonte: SILVA JUNIOR, 2015

Com os resultados obtidos e levando em consideração o método proposto por Vergara (2000) observou-se que ainda não há uma penetração do principal instituto de Defesa do país no escopo do povo português. Ainda que o resultado do conhecimento acerca do papel das Forças Armadas tenha sido melhor, observa-se que não se caracteriza como um assunto comum.

No que tange o povo norte-americano, com sua extensa participação em conflitos internos e globais há de esperar uma maior penetração da consciência em Defesa. Ainda atuante no Afeganistão e com a memória recente do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, é claro o impacto com o qual esse assunto atinge a população em geral. A opinião pública muda de acordo com a própria conjuntura política e temporal e, neste caso específico, de acordo com o sentimento de segurança observado pelas pessoas. Conforme a evolução temporal demonstrada abaixo, pode-se perceber que o incremento de ações norte-americanas bem como o início da Guerra ao Terror, molda a resposta popular à necessidade de ampliar seus meios de Defesa.

**Figura 6** – Evolução da opinião pública quanto à força da Defesa Nacional dos EUA



Fonte: GALLUP, 2019

Novamente alcançando um período de relativa estabilidade é notório o declínio da opinião de que suas Forças não estão adequadas à realizar suas tarefas e prevalecendo a opinião de que o dimensionamento está justo. Portanto, apesar de um país possuir uma população com maior consciência acerca da Defesa Nacional, a própria conjuntura do momento vivido influencia na percepção de necessidade em investir nos meios de proteção.

Apresenta-se como um desafio manter numa sociedade democrática moderna o interesse por políticas de Defesa, seja ela inserida em contínuos conflitos ou não.

#### **4.2 Centros de Produção Acadêmica voltados para Defesa**

A produção acadêmica direcionada à Defesa, seja ela proporcionada por organismos públicos, privados ou através de Think Tanks (as quais podem ser híbridas) é distinta nos EUA e em Portugal.

Conforme exposto anteriormente as Think Tanks americanas surgiram da necessidade de implementar políticas para alavancar o status de potencia global aos anseios norte-americanos. Assim surgiram através de membros da Academia com financiamentos públicos e privados. Segundo um estudo recente da

Universidade da Pennsylvania nos EUA existem 1872 Think Tanks enquanto em Portugal existem 25, com diversos escopos de estudo. É notória a diferença de capacidade produtiva entre os dois países, contudo o mais relevante a se identificar é a origem e o fomento dessas instituições. Ainda há em Portugal um grande número de instituições financiadas em grande parte pelo Governo, o que não se configura como algo depreciativo, mas indica uma falta de suporte civil e privado na produção de conhecimento independente.

Atualmente, há uma tendência de especialização das Think Tanks, seguindo um caminho de orientação ideológica. Ao advogar por determinada linha de opinião, cada instituição acaba por receber incentivo por determinada representação social.

*Para McGann (2000), a especialização, ao mesmo tempo que se tornou uma vantagem comparativa, porque agora praticamente cada grupo político tem um think tank para promover suas posições, ao contribuir para uma pesquisa mais focada, essa tendência desencoraja respostas verdadeiramente interdisciplinares para problemas complexos, como se antes, durante e depois do 11 de Setembro. Ainda em relação aos Estados Unidos, outra tendência encontrada é um perfil cada vez mais advocacy-oriented por causa da saturação do mercado. (SILVA, 2007,p. 226)*

Levando em consideração a maior participação recente em atritos internacionais, as instituições americanas foram guiadas a um foco maior nas questões de Defesa e Segurança Interna.

*Após o 11 de Setembro e eventos subsequentes ( as Guerras no Afeganistão e Iraque e outros desenvolvimentos internacionais, como os impasses nucleares com o Irã e Coreia do Norte), Saito(2005) aponta como tendência no foco da pesquisa dos think tanks norte-americanos o fato de concentrarem (sem surpresa) sua atenção nas questões de segurança e, em termos geográficos no Oriente Médio. Essa tendência – com um grande feixe destas instituições buscando se ocupar de uma região ou tema em particular – estaria ligada ao crescente regionalismo em escala global. Hoje, na luta para sobreviver em meio à crescente competição institucional, os think tanks precisam ser tanto generalistas como especialistas, adaptando suas pesquisa e atividades às circunstâncias (Saito,2005). (SILVA, 2007, p.226)*

Especificamente na Defesa Nacional, os EUA possuem diversos atores internos que propiciam a participação maior da sociedade. Um complexo de Defesa com capacidade global e uma indústria presente nos diversos e mais longínquos lugares do mundo levam à maior participação no tema. Conforme podemos verificar abaixo, ainda no estudo anual da Universidade da Pennsylvania é possível figurar a o domínio entre as instituições no mundo.

**Figura 7 – Maiores Think Tanks em Defesa e Segurança Nacional**

| <b>Top Defense and National Security<br/>Table 14</b>                           |
|---------------------------------------------------------------------------------|
| <b>1. Center for Strategic and International Studies (CSIS) (United States)</b> |
| <b>2. International Institute for Strategic Studies (IISS) (United Kingdom)</b> |
| <b>3. RAND Corporation (United States)</b>                                      |
| <b>4. Brookings Institution (United States)</b>                                 |
| <b>5. Carnegie Endowment for International Peace (United States)</b>            |
| <b>6. Royal United Services Institute (RUSI) (United Kingdom)</b>               |
| <b>7. European Union Institute for Security Studies (EUISS) (France)</b>        |
| <b>8. Belfer Center for Science and International Affairs (United States)</b>   |
| <b>9. Center for a New American Security (CNAS) (United States)</b>             |
| <b>10. National Institute for Defense Studies (NIDS) (Japan)</b>                |

Fonte: University of Pennsylvania

Contando com um pequeno número de institutos, os quais não figuram entre os maiores, há um desafio enorme para a propagação das políticas de Defesa em Portugal. Existem outros institutos além do IDN, como é o caso do EuroDefence Portugal<sup>19</sup> (o qual não é estritamente voltado à políticas portuguesas) e o IPRIS<sup>20</sup>, cada qual com um escopo diferenciado.

<sup>19</sup> EuroDefense-Portugal é uma organização não-governamental criada em 12 de Fevereiro de 1998, através de um Protocolo de Cooperação estabelecido entre o Instituto da Defesa Nacional (IDN) e a Associação Industrial Portuguesa (AIP-CCI), homologado pelo Ministro da Defesa Nacional e pelo Ministro da Economia. Em 19 de Outubro de 2015 adquiriu o estatuto de pessoa coletiva de direito privado sem fins lucrativos, com a designação de Associação de Estudos de Segurança e Defesa

Essa falta de agentes propagadores de idéias se reveste como um entrave à expansão acadêmica no tema. Conforme indica o trabalho proposto por Silva Júnior é clara a importância de um instituto com estudos direcionados, nesse caso específico o IDN, para relevar a importância da missão das Forças Armadas e os Estudos Estratégicos.

**Figura 8 – Questionário sobre a influência do CDN**

**TÓPICO 2**

| QUESTÕES                                                                                                                                                  | FREQUÊNCIA DE SUJEITOS |   |    |    |    | RM   |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|---|----|----|----|------|
|                                                                                                                                                           | 1                      | 2 | 3  | 4  | 5  |      |
| Em vossa visão, qual a importância do CDN para disseminação de conteúdos relacionados à Defesa Nacional?                                                  | 0                      | 0 | 1  | 14 | 24 | 4,59 |
| Quanto a realização do curso influenciou sua visão sobre o papel das Forças Armadas na sociedade portuguesa?                                              | 1                      | 1 | 8  | 12 | 17 | 4,1  |
| Qual o nível de influência do CDN na sua formação profissional?                                                                                           | 2                      | 4 | 10 | 16 | 7  | 3,56 |
| Qual foi o nível de influência do CDN e de outros eventos do IDN na formação de um pensamento crítico sobre as RCM?                                       | 0                      | 1 | 5  | 17 | 16 | 4,23 |
| Em que nível as publicações editoriais do IDLN, tal qual a revista Nação e Defesa, influenciaram na formação de seus conhecimentos sobre Defesa Nacional? | 1                      | 1 | 11 | 21 | 5  | 3,72 |
| MÉDIA ARITIMÉTICA RM TÓPICO 2                                                                                                                             |                        |   |    |    |    | 4,04 |

Fonte: SILVA JUNIOR, 2015

O resultado acima exposto representa o quanto é imprescindível a utilização desses centros de produção acadêmica para solucionar uma falta de conhecimento social.

*Conhecer e participar das RCM requer dos Auditores da Defesa Nacional, um conhecimento mais aprofundado do papel das forças armadas no seio da sociedade portuguesa. Pelo que destaca Bruneau (2013) o controle civil dos militares é influenciado diretamente pela efetividade das FFAA, que segundo ele trata do potencial que as FFAA possuem para cumprir suas atribuições. Desta forma, é essencial que todo aquele que possa vir a participar*

Europeia EuroDefense-Portugal, abreviadamente, Associação EuroDefense-Portugal. É membro ativo da rede de Associações EURODEFENSE.

<sup>20</sup> O Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS) é uma ONG independente e sem fins lucrativos, sediada em Lisboa. O IPRIS é uma instituição dedicada à pesquisa em questões de Relações Internacionais, com particular interesse em relação às políticas externas e de defesa portuguesas. O Instituto patrocina pesquisas e conferências e publica livros e periódicos.

*diretamente das RCM, como é o caso dos auditores, tenha conhecimento sobre o tema. Para observar esse ponto, a segunda questão deste tópico buscou verificar o quanto o CDN havia influenciado os respondentes nessa visão. (SILVA JUNIOR, 2015, p.57)*

A extensa gama de institutos, sejam eles governamentais, privados ou híbridos levam a uma pluralidade no discurso, que apesar de nas últimas décadas ter sido tomado por ideologias conservadoras ou liberais, ainda colocam os EUA em vantagem no que se refere à produção acadêmica de Defesa. Institutos como o IDN são o primeiro passo que, através da participação governamental e privada se inicia o processo de implantação de políticas estratégicas. Assim, Portugal se apresenta com um processo embrionário de produção em Defesa, contudo já se mostra impactante no que se refere ao início promissor de uma política.

## **5. Conclusão**

A expansão de políticas de Defesa é essencial para a manutenção da segurança atualizada de acordo com as novas tendências. Ainda que ocorreram evoluções modernas no que tange inovações tecnológicas e industriais, ainda se deve a grande parte da Defesa de um país a relação participativa de sua sociedade com seus protetores.

A Academia é responsável pela divulgação de novas descobertas e garante a utilização de métodos que dão credibilidade ao estudo proposto. Com a confluência de idéias, baseadas em princípios científicos, se dá de maneira mais crível a evolução dos estudos em Defesa. A própria ascensão norte-americana no cenário global foi calcada numa intensa interação de seu complexo industrial, acadêmico e governamental. De maneira a suportar essa hegemonia global a sociedade americana se vê compelida a tratar ativamente do tema Defesa. Há um processo de ligação, no subconsciente social americano, da projeção de suas Forças Armadas com o desenvolvimento do país. Afinal, historicamente, o crescimento perante o mundo dos EUA se deu após grandes conflitos mundiais.

No caso português, é de se esperar um cenário bem distinto. Um país mergulhado em uma crise financeira e com uma geopolítica limitada por um território relativamente pequeno e com uma capacidade de recursos limitada é um exemplo

de contraste com relação à uma potencia. Esse exemplo é, contudo, o que mais pode se assemelhar aos demais países.

O primeiro passo para a implementação de políticas de Defesa é uma boa relação da população com suas Forças Armadas. Em Portugal ocorre um caso especial no qual os militares participaram ativamente do processo de redemocratização do país, tornando a relação dos mesmos com a sociedade feita de maneira mais suave. Nos EUA é aparente o quanto se caracteriza o orgulho de uma nação com seus militares. Militares são saudados em grandes eventos, em atividades comerciais e até em atividades cotidianas. Essa relação foi construída através de uma estrita ligação dos militares com os rumos do país. Em diversos momentos da história americana, principalmente até a Guerra do Vietnã<sup>21</sup>, a conscrição foi o caminho tomado para a resolução do aumento de contingente necessário. Nestas ocasiões várias gerações de americanos doaram seus filhos para os propósitos da Nação. O militar americano é parte enraizada da sociedade e é motivo de orgulho dos seus.

Uma boa relação civil-militar é indispensável para o desenvolvimento da Defesa. A participação popular nos exércitos remonta a antiguidade e se tornou cada vez mais voluntária com a aproximação dos tempos modernos. A evolução da tecnologia não dispensou ainda o material humano dos seus meios de Defesa e o caráter humano é o que se relaciona diretamente com a sociedade.

Uma das formas de estreitar as relações civis-militares é controle civil proposto por Huntington. Esse controle se faz de maneira a liberar os militares das atribuições políticas para se concentrarem no profissionalismo. Tanto nos casos dos EUA quanto em Portugal esse controle já atingiu um estado elevado de implementação. Em ambos os países os comandos das Forças Armadas estão subordinados à uma pasta ou ministério civil, o Ministério da Defesa ( ou Department of Defense nos EUA). Contudo existe uma preocupação por parte dos militares acerca da falta de profissionalismo por parte dos civis. O panorama apresentado em

---

<sup>21</sup> A **Guerra do Vietnã**, também conhecida como **Segunda Guerra da Indochina**, chamada no Vietnã de **Guerra de Resistência contra a América** ou simplesmente **Guerra Americana**, foi um grande conflito armado que aconteceu no Vietnã, Laos e Camboja de 1 de novembro de 1955 até a queda de Saigon em 30 de abril de 1975. Foi a segunda das Guerras da Indochina e foi oficialmente travada entre o Vietnã do Norte e o governo do Vietnã do Sul. O exército norte-vietnamita era apoiado pela União Soviética, China e outros aliados comunistas, enquanto os sul-vietnamitas eram apoiados pelos Estados Unidos, Coreia do Sul, Austrália, Tailândia, e outras nações anti-comunistas pelo Mundo. Neste cenário, o conflito no Vietnã é descrito como uma guerra por procuração no auge da Guerra Fria.

muitos países de formação em Estratégia ainda embrionária, pode corroborar com esse sentimento.

*Por outro lado, a tão sonhada profissionalização, defendida por Huntington, deveria também abranger os civis. Em busca do nivelamento de conhecimento, padrões e atitudes, até pela diferença de formação entre os segmentos, deve-se buscar criar oportunidades em que civis e militares possam trabalhar integrados, como em cursos e operações conjuntas, por exemplo. (FERREIRA, 2018, p.8)*

A Academia portanto proporciona a credibilidade necessária à implementação desse controle proposto, uma vez que carrega consigo a utilização de métodos e princípios científicos não alinhados com interesses pessoais ou ideológicos. Para os militares exercerem sua função de Estado com excelência e estando abaixo de um poder civil é também necessária um distanciamento das políticas civis de Defesa de interesses escusos aos nacionais. Assim, principalmente após a década de 1970 os EUA vivenciaram o advento de instituições carregadas com teor ideológico, seja ele liberal ou conservador, gerando um distanciamento da Academia puramente no impacto da sociedade e a era da informação se transformou em um obstáculo ao interesse coletivo. Em Portugal, apesar de ainda possuir uma estruturação relativamente pequena de instituições que tratam do assunto Defesa, os interesses políticos e econômicos não são os principais entraves, mas sim a própria deficiência em atingir o âmago da sociedade com sua perspectiva em Defesa.

No que se refere aos institutos de produção acadêmica na área de Defesa, é de se esperar uma disparidade de qualquer país com os Estados Unidos. Seu modelo de utilização da Academia para balizar seus esforços de expansão geraram um complexo acadêmico, industrial e de defesa sem igual. Em diversos outros países ainda ocorre um processo embrionário, citando até países europeus como Portugal, nos quais a produção acadêmica no assunto depende ainda de auxílio estatal e portanto ainda buscando uma melhor projeção. A integração da sociedade quando não há um urgente interesse econômico ou de um conflito latente se faz de maneira gradativa e necessita da participação de todos os ramos sociais, efetivamente.

Os militares, parcela indissociável da população de um país, dependem do comprometimento civil para o cumprimento de suas missões. Não há cenário

promissor quando as ações militares não traduzem o desejo nacional. Essa relação somente se torna possível através da abertura democrática dos sistemas de governo. Com essa abertura, o povo se viu regente de seu próprio destino e com isso a responsabilidade exige conhecimento e participação ativa.

Portanto, através do exposto é possível perceber a extrema importância em atrelar o pensamento acadêmico às pretensões em Defesa. Somente com profissionalismo, educação e esforço de diversas esferas da sociedade uma nação constitui um complexo de segurança interna e externa pronto para responder às demandas necessárias.

## **Bibliografia**

AMERICAN INSTITUTE OF PHYSICS, 2019. Disponível em: [www.aip.org/fyi](http://www.aip.org/fyi)

BRUNEAU, Thomas C. As Relações Cívicas-Militares em Portugal: O Longo Processo para o Controle Cívico e a Eficácia Militar. **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: vol. 59, no 2, 2016.

BROOKINGS INSTITUTE, 2019. Disponível em: <[www.brookings.edu](http://www.brookings.edu)>

DA SILVA, Júlio Joaquim da Costa Rodrigues. **A Guerra da Independência dos E.U.A. e os Diplomatas Portugueses. Luís Pinto de Sousa Coutinho e os Primórdios do Conflito (1774-1776), “Actas do XV Colóquio de História Militar - Portugal Militar nos Séculos XVII e XVIII até às Vésperas das Invasões Francesas”**. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2005 (2006), Vol. II, p.913-928;

ESPÍRITO SANTO, Gabriel Augusto do. **Valores, relações cívicas militares e cultura para a defesa**. Lisboa, Revista Militar N.º 2554, 2014, p. 1021 - 1030.

FERREIRA, Vladimir Schubert Neiva. **As relações cívicas-militares em novos tempos**. Brasília: CCEEEx, 2018.

GALLUP, 2019. Disponível em: <[www.gallup.com](http://www.gallup.com)>

IDN, 2019. Disponível em: [www.idn.gov.pt](http://www.idn.gov.pt)

PARET, Peter “Clausewitz” in PARET, Peter (org.) **Construtores da Estratégia Moderna, Tomo 1**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001, pp. 257-292.

PROENÇA JÚNIOR, Domício e Érico Esteves Duarte. **Strategic studies as the core discipline of national defense**. Revista Brasileira de Política Internacional, 2007, pp. 29-46.

RAND CORPORATION, 2019. Disponível em: [www.rand.org](http://www.rand.org)

ROCHA, M. A relação civil-militar no Brasil: uma análise do período de 1985 a 2006. **XV Encontro Regional de História da ANPUH-Rio**, 2012.

RIBERA, R. (2012). **A Guerra Fria: Breves Notas para um Debate. Novos Rumos**. 2012, v.49, n.1, pp.87–106.

SEVERIANO TEIXEIRA, Nuno. Portugal e a NATO: 1949-1989. **Análise Social**, v. 30, n. 133, p. 803-818, 1995.

SILVA, J. J. da C. R. da. “A guerra da independência dos EUA e os diplomatas portugueses. Luís Pinto De Sousa Coutinho e os primórdios do conflito (1774-1776)”. In **Actas do XV Colóquio de História Militar -Portugal Militar nos Séculos XVII e XVIII até às Vésperas das Invasões Francesas**. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar, 2006, pp. 913-928.

SILVA, Tatiana Teixeira da. **Os Think Tanks e sua influência na política externa dos EUA**. Rio de Janeiro: Revan, 2007

SILVA JUNIOR, Carlos Henrique da. **O Instituto da Defesa Nacional - IDN e as relações civis-militares em Portugal**. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública) - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2015.

SHY, John “Jomini” in Peter Paret (org.).**Construtores da Estratégia Moderna, Tomo 1**. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001, pp. 201-256.

URRUTIA, O. **The role of think tanks in the definition and application of defense policies and strategies**. Revista del Instituto Español de Estudios Estratégicos, No. 2, 2013.

VARELA, Raquel. "Um, dois, três MFA...": o Movimento das Forças Armadas na Revolução dos Cravos - do prestígio à crise. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo , v. 32, n. 63, p.403- 425, 2012.Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010201882012000100019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010201882012000100019&lng=en&nrm=iso)>.

VERGARA, Sylvia Constant. Projeto e Relatórios de Pesquisa em Administração. 3 Ed- São Paulo: Atlas 2000. REIS, Bruno Cardoso, e GASPAR, Carlos – **Uma Estratégia Global para Portugal numa Europa em Crise**. Lisboa: Cadernos do IDN, 2013.

WEILAND, Cristhofer. **Conjuntura Global, Vol.3, n. 3, jul./set.** 2014, p. 125-131.

WEFFORT, Francisco C. **Os clássicos da política 1 - 14.ed.** São Paulo: Ática, 2011